

Dupla Fenda

Lucas M. Carvalho

“A função do sistema como um todo iria expressar isto contendo em si mesma o gato vivo e o gato morto simultaneamente ou dispostos em partes iguais.”

Experimento mental do gato de Schrödinger

A História registra-se nas rochas, mas não só nelas. As camadas de calcário e arenito gravam milhões de anos de movimentos das marés, da terra em torno do sol, das era glaciais, etapa por etapa, sedimento por sedimento, como uma escrita em detalhes minuciosos que se agiganta até alcançar escalas astronômicas. Num processo semelhante, registra-se, dentro de uma veia humana, uma história que, costurada pela combinação de genes sem fim, intrincando-se, somando-se, modifica-se de acordo com histórias externas de sujeitos que amam e temem.

O argumento deste conto surgiu-me com a necessidade de levantar uma possibilidade. Hugh Everett, em sua *Interpretação de Muitos Mundos*, sustenta matematicamente a teoria quântica da existência de universos paralelos sobrepostos; e diz que um evento quântico dúbio, que simultaneamente é e não é, marca, na realidade, uma bifurcação nas dimensões de tempo e espaço, na qual dois universos semelhantes prosseguem, cada qual com um dos resultados do evento quântico em questão.

Vejamos na prática. A história não está ainda bem definida; imaginei suas partes em drama, um esboço de ações. Considero, contudo, que já tenha forma o suficiente para entendermos o efeito. É verdade que faltam personagens, polimento e peripécias; mas eles não são tão importantes. O enredo, conforme Aristóteles recomendaria, não existe. Talvez o imagine, daqui a dois dias, mais complexo. Mas é assim que hoje o concebo:

1º Ato

O cenário é uma estepe nunca carpida, no final da tarde. Há uma árvore grande perto de onde ocorre a ação; outras árvores estão a não menos que cinquenta metros. O vento lambe a relva e as folhas, num silêncio confortável como o prenúncio de tempestade (porém a tempestade não virá). Um animal grande fora abatido; três homens ofegantes, cobertos de suor, usam as unhas para abri-lo e dividir as partes. O Alfa observa de longe, do ponto mais alto, cuidando para que nenhum outro surja nos horizontes. Há nove mulheres e quatro crianças, que pegam as partes mais macias da refeição; os homens, por sua vez, quebram os ossos e chupam a gordura do miolo. Exilados, tinham viajado durante três dias sem alimento, drenando de seus músculos a energia dispendida. Mais da metade de suas mulheres foram tomadas pelo grupo vitorioso. Agora, quilômetros dali, esses sobreviventes repousam enquanto seus corpos fazem a digestão.

2º Ato

O cenário escurece, e todos dormem profundamente. Com os primeiros raios de sol, um menino acorda e encontra, nos arredores, um ninho de ave. O Alfa desperta em seguida, surpreende-o comendo os ovos e o espanca; todo bando acorda com os gritos. O pequeno já está morto, mas quando o alfa tenta tomar para si o alimento, outro homem o confronta. Arremessa uma lasca de pedra no dorso nu do Alfa, enroscam-se, batem-se. O ousado desafiador tem um tufo de sua barba arrancada, e _sangue até os joelhos. De pé, os dois bufam, corações acelerados, hormônios disparando nas veias, nervos aquecidos. Acerta dois murros, fazendo o alfa perder o equilíbrio, e com uma pedra golpeia-o no olho, dilacerando-o. O Alfa desorientado utiliza pedaço de pau para lhe acertar o maxilar, fazendo-o cuspir quatro dentes e o lançando ao chão, depois chutando as costelas, que são fraturadas uma a uma. As pedras cinzentas maculam-se de vermelho. Por fim debruça-se sobre ele, segura o rosto com as mãos, e usa os polegares para perfurar seus dois olhos.

O alfa não sente dor, por enquanto (mas há uma anotação para acrescentar murmúrios de dor numa versão futura). Seu corpo agradece a vitória numa sensação de

ser maior que o mundo. Naquela mesma tarde, lava o ferimento do globo ocular num rio quilômetros dali, ao passarem numa terra mais baixa.

3º Ato

O Alfa, como costumava fazer, sobe uma colina e observa, à distância, seu grupo cansado. Do alto consegue ver, na direção do sol, uma descida em barro escuro que delineia uma encosta e mergulha num vale de árvores – e ao longe, muito longe, uma terra mais alta e mais verde. Pensou ter visto até mesmo cabras comendo a grama. Na direção contrária, havia um caminho rochoso que seguia o curso do rio, que se alargava.

Precisava decidir. Cabia a ele, o alfa, escolher se seguiriam para a terra verde ou se desceriam o rio. Em direção à terra verde poderiam desfrutar de animais e sombra. Pelo rio teriam água e peixes. Não sabia em qual dos dois haveria predadores. Não sabia em qual dos dois haveria bandos hostis. Neste momento, no instante imediato antes de tomar a decisão, cai o pano e a história termina.

...

Pergunto-me, sob o silêncio e a escuridão de cortinas fechadas, se deixei passar algum simbolismo da peça. Alguma frase no idioma estranho, algum desenho na vegetação, algum gesto corporal que dê significado ao episódio. Mas então me recordo que não há símbolos – a história é apenas isso, *acta est fabula*. Percebo que o que importa é o depois, são as consequências. Começamos com uma ironia cruel: a escolha do protagonista pouca diferença faria para ele próprio, pois, em qualquer caminho seguisse, encontraria a morte. Pelo rio, salteado por outro bando, que esmagaria seu crânio contra as rochas; pela encosta à terra verde, devorado por cães selvagens. Mas as consequências crescem em efeito de onda para além dele. Vamos a elas:

Consideremos primeiro que o protagonista tenha escolhido a primeira opção. O grupo segue a encosta barrosa até o vale. Em dois dias, com pouca água, estão todos

fracos. Cães selvagens atacam e matam o alfa e outro homem, porém o bando prossegue. Chegam à terra verde, e ali habitam por algumas semanas, depois continuam quilômetros e mais quilômetros, até uma terra na qual subjagam dois grupos, e daí dividem-se, multiplicam-se, grande parte perece, expandem-se. Muito tempo depois dominam a agricultura. Do sul vêm povos que sabiam criar ligas de cobre para fazer ferramentas. Centenas de gerações, e seus genes já estão difundidos em até pelo menos metade do globo terrestre, porém em maior concentração na chamada Península Ibérica. Os celtas trazem o ferro. Um povo poderoso, chamado Império Romano, chama-os de *Lusitanos*, e ocupa sua região tornando sua língua um latim vulgar. Com a queda do império vêm os povos germânicos, e na idade média os mouros exercem domínio. Durante a reconquista cristã e a expulsão dos muçulmanos, surge o Condado Portucalense, que integra os reinos de Galiza e depois Leão. Seu idioma, em constante mudança, é o galego. Em 1139, Don Afonso Henriques de Borgonha é declarado primeiro Rei de Portugal. A nação prospera em dinastias; no século XVI, expande-se pelos mares, descobre continentes, num domínio que se estende do Japão às Américas – os feitos são imortalizados pelo poeta em *Os Lusíadas*. A revolução industrial, combustíveis fósseis. No século XXI, sete países falam o idioma português, cinco deles na África, além da República Federativa do Brasil.

Consideremos agora que o protagonista tenha escolhido a segunda opção. Seguem pelo caminho rochoso à beira do rio. No mesmo dia, um grupo hostil os surpreende – o alfa, um homem e duas mulheres são mortas, e os outros são cativos. Estes sobreviventes são integrados no grupo vencedor, que escolhe seguir ao sul. O grupo cresce, se divide, expande, sofre com uma epidemia que mata mais da metade deles, divide-se novamente, subjuga grupos mais fracos, é subjugado e assimilado por grupos mais fortes, divide-se de novo. Centenas de gerações, e três quartos do globo terrestre estão povoados com algum remanescente de seus genes. Os sumérios são subjugados pelo bândaros, cujo império estende-se pelo continente de Oria. Numa guerra com os povos do oriente, miscigenam-se. A pólvora é descoberta, e só depois o uso do ferro é difundido, para ser então substituído pelo garlieto – uma espécie de liga de aço com alto percentual de estanho e um pequeno percentual de ouro. No ano 2785 da era de Arlin, o povo torna-se industrial. Uma onda de guerras civis divide o continente em dezessete estado-nações menores. Em 3671 do calendário lunar, o idioma

Therdio é falado por um terço da população mundial; os caracteres são Therdios, e o sistema numérico tem base 14, de modo que 14 se escreve 10, 15 se escreve 11, 28 se escreve 20 e assim por diante. No sul do continente de Palindeo, um país chamado Ayera torna-se potência mundial pela descoberta de uma fonte de energia vegetal duas mil vezes mais eficaz que o urânio.

Respiro fundo. H. P. Lovecraft escreveu, em *The Call of Cthulhu*, que a coisa mais misericordiosa do mundo é a incapacidade da mente humana em correlacionar todo o seu conteúdo. Soubesse aquele homem as consequências de uma decisão tão trivial, e o fardo seria terrível – mais que isso, insuportável. Para Hugh Everett, no entanto, não faria diferença: qualquer escolha entre um e outro resultaria em ambos. O universo divide-se; o que é negado neste, é aceito no outro. Pensamos que o protagonista escolheu a encosta barrosa até o vale; pensamos que estamos no Brasil. Outro homem, não sei a que ponto semelhante a mim, senta-se em sua casa em Ayera e pensa o inverso. Enquanto eu escrevo sobre ele, ele escreve sobre mim.